



**ENTRE DOS MÁRGENES DEL MAR, LAS CANARIAS  
(EL VIAJE ENTRE FUNCHAL Y VENEZUELA)**

*AT THE OTHER MARGIN, CANARY ISLANDS  
[TRAVELLING FROM MADEIRA TO VENEZUELA]*

*ENTRE DUAS MARGENS DO MAR, AS CANÁRIAS  
[A VIAGEM ENTRE O FUNCHAL E A VENEZUELA]*

**Graça Alves\***

**Cómo citar este artículo/Citation:** Alves, G. (2020). Entre dos márgenes del mar, las Canarias (El viaje entre Funchal y Venezuela). *XXIII Coloquio de Historia Canario-Americana* (2018), XXIII-105. <http://coloquioscanariasamerica.casadecolon.com/index.php/CHCA/article/view/10501>

**Resumen:** Venezuela fue durante mucho tiempo un destino muy importante en la Historia de la Movilidad de los madeirenses. Hasta 1969, fecha en que se inauguró el aeropuerto, el mar era el único camino posible para el sueño de una vida mejor. Reflexionaremos entonces sobre el Atlántico, mar de los poetas, de las islas y del mundo. Nos enfocaremos en el viaje que, antes de que se hiciera realidad, ya existía en sueño. En el ámbito del Proyecto "Novena isla", desarrollado en el Centro de Estudios de la Historia del Atlántico, recogemos testimonios, fotografías y memorias del viaje. Las Islas Canarias eran, en algunas rutas, una escala necesaria entre el puerto de Funchal y la Guaira. ¿Hay memoria de esta tierra en las historias de los emigrantes?) ¿Que fué lo que quedó de la memoria del mar?

**Palabras clave:** mar, viaje, Madeira, Venezuela, Canarias.

**Abstract:** Venezuela is one of the most significant destinies of emigrants from Madeira Island. Until 1969, when the airport was inaugurated, trips were exclusively maritime and the Atlantic, soon became a sort of deposit of many dreams. We will concentrate on the crossing of the Atlantic Ocean and how people have dealt with the trip from Madeira to Venezuela, which occasionally, stopped at the Canary Islands. Within the project "Nona Ilha" developed by Centro de Estudos de História do Atlântico we have collected oral testimonies as well as photographs and all types of material that help to (re)constructed this part of the Diaspora. Our main goal is try to trace what has remained of these memories and how can they characterize us as islanders.

**Keywords:** sea, trip, Madeira, Venezuela, Canarias.

**Resumo:** A Venezuela foi, durante muito tempo, um destino importantíssimo, na História da Mobilidade dos madeirenses. Até 1969, ano em que se inaugurou o aeroporto, o mar era o único caminho possível para o sonho de uma vida melhor. Refletiremos, então, sobre o Atlântico, mar dos poetas, das ilhas e do mundo. Focar-nos-emos na viagem, que antes de o ser, já o era, em sonho. No âmbito do Projeto "Nona Ilha", desenvolvido no Centro de Estudos de História do Atlântico, recolhemos testemunhos, fotografias e memórias da viagem. As ilhas canárias eram, em algumas carreiras, uma escala necessária, na viagem entre o porto do Funchal e La Guaira. Onde se situa a memória d(est)a terra, nas histórias dos emigrantes? O que ficou da memória do mar?

**Palavras chave:** mar, viagem, Madeira, Venezuela, Canarias.

---

\* Centro de Estudos de História do Atlântico, Rua das Mercês, 8. 9000-224. Funchal. Madeira. Portugal. Teléfono: 962615513; correo electrónico: [gracaleonor@hotmail.com](mailto:gracaleonor@hotmail.com)



Mar silêncio; mar estrada  
 mar fronteira, rude mar  
 e uma partida adiada  
 na viagem de ficar ...  
 e ao largo do mar de mim  
 uma pressa de chegar<sup>1</sup>.

As ilhas são sempre vistas, entrevistadas e imaginadas pelo mundo, como lugares predestinados a assumir uma função simbólica. Conotações míticas, psicológicas e literárias configuram o arquétipo do “topos insular” e atraem quem vem de fora, pela paisagem, pelas cores, pela magia que escondem, pela aura de paraíso que ainda mantêm.

Quem vive nas ilhas, porém, sabe que o mundo começa às portas do mar, no apito dos navios que indicam que, para além do horizonte, há a possibilidade de um mundo novo, de uma vida melhor. Porque as ilhas nem sempre são paraíso, nem sempre são salvação. Foi assim na ilha da Madeira, em que, em determinados momentos da História, o paraíso se tornou num purgatório, e foi preciso embarcar.

[...] nota-se presentemente entre as camadas populares desta ilha um grande desejo de emigrarem. A população cresceu extraordinariamente em proporções que não estão em relação nem com os meios de vida nem com os meios de trabalho. E tendo a madeira se ressentido desde a primeira hora com a eclosão da guerra, com a paralisação do seu turismo e com uma diminuição notável no seu movimento de exportação logo aflorou e se tornou mais palpável o problema instantâneo e gravíssimo do excesso demográfico da ilha [...]. O problema é grave e delicado, com a sua falta de indústrias e a natureza já tão intensiva da sua agricultura, não pode sustentar uma população tão densa e numerosa como a que conta actualmente<sup>2</sup>.

Situamo-nos, na segunda metade do século XX. A partir dos anos 40, a guerra, a falta de turistas, os problemas agrícolas, as dificuldades económicas e o excesso demográfico levaram muitos madeirenses a olhar para a Venezuela como um lugar de futuro, um lugar de possibilidades, um lugar de riqueza fácil. Foi, sobretudo, na década de 50, que os portugueses adquiriam grandes lucros com pequenos negócios, como os *abastos*, as *fuentes* de soda, a *arepeira*, a padaria, o bordel. E a Madeira, tal como o resto do país, foi crescendo economicamente com o dinheiro dos emigrantes.

A partir dos anos 60, a guerra colonial provoca um segundo surto de emigração para aquele país. Muitos jovens -rapazes sobretudo- escolhem a Venezuela para fugir a uma guerra que, em África, lhes roubava a vinha e os sonhos.

A terra, aqui entendida como lugar da casa e da segurança, abre espaço para um outro mundo, líquido, que, por um lado, é água mas, por outro, é incerteza, indefinição.

É, pois, no âmbito do Projeto Memória das Gentes que fazem a História e, especialmente, “Nona Ilha” (que é a ilha que o povo madeirense leva no peito quando em mobilidade), que o CEHA tem desenvolvido desde 2013, que olharemos para a viagem e tentaremos perceber a forma como estes emigrantes viveram os dias, entre azuis, o do céu e o do mar e de que modo as ilhas Canárias, Tenerife sobretudo, se enquadram nesta viagem.

Baseando-se nos processos metodológicos da história vista de baixo e munido das ferramentas da história oral, este projeto tem lidado com narrativas de vida de pessoas

<sup>1</sup> ANDRADE (1986), p. 21.

<sup>2</sup> *Diário de Notícias* (13-02-1940), p. 1.

comuns, dando voz aos que, ao longo da História, não são geralmente escutados, porque pequenos, porque fracos, porque gente comum. Não tivemos medo, portanto, de incluir na nossa investigação, essas vozes caladas e deixamos falar o silêncio do mar navegado, deixando-nos guiar pelo pensamento de Maria Tomboukou (2015) que nos ampara a noção de que as narrativas de vida ajudam a compreender a História e que as mobilidades não podem ser reduzidas à análise de gráficos, estáticas, passaportes e fichas consulares, apenas para nomear alguns.

Nas recolhas de documentos familiares que temos realizado, no âmbito deste projeto, a viagem aparece, sob a forma de postais, na medida em que, quando possível, os sujeitos adquirem e enviam o postal do barco onde viajaram, nas palavras que (não) se dizem nas cartas, nas coisas que se escrevem, posteriormente, sobretudo por quem tem a percepção de que as viagens são companheiras do pensamento, deste estar-só-com-o-mar, deste estar-só-consigo.

Não nos parece, porém, ser este o caso de quem partiu até à década de sessenta, à procura de melhores condições de vida, muitas vezes, para fugir à fome, ou à guerra, ou a uma qualquer impossibilidade de continuar plantado na terra. O espírito vai ocupado com a dor, com a antecipação da saudade, com quem fica. O olhar do emigrante raramente é o olhar do poeta: «Contra o azul / sob o azul - era assim que, deixando tudo, / deixava a vida, / soluçante era assim que partia, / pássaro ferido, cego, de mudo canto e dócil<sup>3</sup>».

Este é o mar dos poetas. Os das ilhas e os outros. O mar dos poetas é limite e liberdade. O dos viajantes também o é, às vezes, porque aventura, porque descoberta, porque mundo. O dos emigrantes, não.

Num e noutro corpus, a importância da antecipação, os preparativos, a ansiedade do ter de meter a vida toda numa mala de porão e ir, mudando, desta forma, aquilo que tinha sido a vida. Prevista e previsível.

O mar foi, durante muito tempo, o caminho necessário para ir ao mundo e voltar. A partida é um momento de dor maior, sobretudo quando se é criança e se foge à guerra e se guarda, na memória de para-sempre, o rosto da mãe, o olhar baço do pai, o lenço branco da professora, a imagem da Igreja do Monte, aqui símbolo da ilha da Madeira, a ficar cada vez mais pequena, até desaparecer.

A viagem começa muito antes de começar. Embarcar num dos vapores que acostam na ilha requer muita preparação, muitos papéis, muitas vindas à cidade, muitas horas de espera no governo civil, muita ansiedade. Para além da carta de chamada e do requerimento ao Governador Civil do Distrito Autónomo do Funchal, era necessário um atestado médico, o registo criminal, o documento militar (para os homens), o preenchimento do Boletim da Junta de Emigração, assim como a autorização consular para entrar na Venezuela, o “visa de ingresso” ou “permissão”.

Depois, era preciso preparar o enxoval, fazer “uma roupinha nova” na costureira, tirar o retrato no fotógrafo. Dalila Teles Veras<sup>4</sup> explica-o em pequenos poemas que nos servirão de guia para esta viagem, na medida em que assumiremos alguns poemas do seu livro *Solidões da Memória* como a recriação [poética] do que nos foi contado, de viva voz: «primeiro/ a carta de chamada/ (...)/ depois, a venda da casa/dos móveis/ da própria história// antes da partida/ uma foto no estúdio/vicentes (memento)/ alento para romper/ a líquida fronteira/entre a ilha que se foi/ e o continente anunciado<sup>5</sup>». Efetivamente, entre as coisas guardadas, o

<sup>3</sup> BAPTISTA (2000), p. 175.

<sup>4</sup> Dalila (Isabel Agrela) Teles Veras, natural do Funchal, Ilha da Madeira, Portugal, (1946), emigrou com a família para o Brasil (São Paulo, Capital), em 1957. Em 1972, após seu casamento com o advogado e escritor Valdecirio Teles Veras, radicou-se em Santo André, cidade na qual reside até hoje. Publicou mais de uma dezena de livros; participou de inúmeras antologias no país e no exterior. Possui trabalhos (artigos, ensaios e textos literários) publicados em jornais e revistas de todo o país e do exterior.

<sup>5</sup> VERAS (2015), p. 43.

retrato permanece como marca da viagem. É no estúdio que se estreia a roupa. É no estúdio que se fixa o princípio de outra vida, longe da ilha. O retrato transforma-se, então, em memento, e é trazido, no momento da entrevista, como prova: «A minha mãe, eu e os meus irmãos. Eu era o do meio. Esse rapazinho de fato e gravata sou eu. Foi para a viagem<sup>6</sup>».

Dalila também nos manda uma fotografia. Traz a seguinte legenda:

Anexo, uma foto de minha família, tirada no Foto Sol, pouco antes da emigração para o Brasil, em 1957. Meu pai, [nome], minha mãe, [nome], eu, a mais velha, meu irmão [nome], minha irmã, a mais nova, [nome]<sup>7</sup>.

Trata-se um retrato de estúdio, um retrato a preto e branco, com retoques coloridos - a mãe tem um vestido azul-mar que se reflete, de um modo muito subtil, no cenário.

Na memória de outros, ficam pormenores, os sapatos castanhos de Ângela que vai conhecer o pai com 10 anos, porque a mãe ficara grávida, quando o marido partira, ou o chapéu branco de Aneclét que tinha uma pena como nos chapéus dos ingleses, as malas grandes, adquiridas na Rua do Sabão, onde se levava a vida: roupas, toalhas, lençóis, colchas, naperons, loiças. Às vezes, a descrição da bagagem resume-se ao “quase nada”, a “uma roupinha”. Esta situação é sobretudo a dos rapazes que partem, na tentativa de não morrer, às mãos da guerra do Ultramar, na segunda metade do século XX. Em alguns casos, porque não têm muita coisa para levar, noutros porque, em algum lugar do mundo, poderão ter de percorrer os caminhos da clandestinidade e a bagagem atrapalha as travessias. Quando partem famílias inteiras, leva-se a casa na bagagem. Há baús de «madeira coberta por folhas de flandres/tachas reluzentes e batique florido<sup>8</sup>», onde se leva o que se tem. Voltaremos a encontrar estes baús nas fotografias das casas, a «(...) servir de móvel/no destino novo<sup>9</sup>».

Na memória, há gente a acenar. Há os vapores, os cheiros, o coração a marcar o tempo que falta ou que resta para a despedida.

Situemo-nos, então, no cais. Na primeira pessoa, os entrevistados contam os “longos caminhos do mar”. E o mar é o Atlântico que, para eles, não tem nome. É o mar. E pronto.

E a ilha: «há sempre uma ilha para quem se despede, um lenço que as mães bordaram, quase imóveis nas cadeiras de vime<sup>10</sup>».

Os informantes do Projeto Memória têm bem presente o momento do adeus. E a dor de antes, da antecipação da despedida.

E sei como foi a despedida. Quando vim, fiz tudo para não chorar – e não chorei em casa – mas também não pude falar. Quando cheguei ao caminho, mesmo já não podia mais e tive de rebentar. O meu irmão ia à minha frente com a mala, quando sentiu a falta dos meus passos, olhou – estava eu ainda na entrada a limpar os olhos, fazendo o possível para que ele não notasse que sempre me tinham rebentado as lágrimas<sup>11</sup>.

Chorar não era de homem. Muitos homens, porém, confessam as lágrimas da despedida e, quando questionados sobre a memória desse momento, choram, ou engolem o choro da lembrança, calam-se e, regra geral, pedem desculpa pelo silêncio.

A maioria dos emigrantes sabe o nome do navio que o levou para a Venezuela: o Surriento, o Marco Pólo, a Vera Cruz, o Leme, o Carvalho Araújo, o Quanza, o Argentina, o Anna C, o

<sup>6</sup> CEHA/entrevista/ Marcos Teixeira.

<sup>7</sup> CEHA/DRC/SRETC: Memórias/histórias de vida/ Dalila Veras.

<sup>8</sup> VERAS (2015), p. 45.

<sup>9</sup> VERAS (2015), p. 45.

<sup>10</sup> BAPTISTA (2000), p. 168.

<sup>11</sup> CEHA/DRC/SRETC: Memórias/ carta de António de 15-06-1971.

Frederico C, o Pátria, o Serpa Pinto e, sobretudo, o Santa Maria que, pela sua segurança e comodidade, se elegeu entre os preferidos dos madeirenses, a partir de 1953, e da sua viagem inaugural.

[...] O Santa Maria era um elo de ligação importante entre a Madeira e os madeirenses que vivem em Venezuela. Os nossos conterrâneos sentiam-se a bordo como se estivessem na sua ilha. A mesma língua, a mesma gente, os mesmos hábitos [...]. O navio português era um elemento que contribuía para que não se fixassem definitivamente em Venezuela. Em poucos dias iam e voltavam, o Santa Maria era a ponte entre a terra da sua naturalidade e o país onde viviam<sup>12</sup>.

Os agentes ofereciam rapidez e segurança e anunciavam, nos jornais, viagens diretas que encurtavam os medos e antecipavam os futuros: «VIAGEM DIRECTA DA MADEIRA, em vapor português, a sair na segunda quinzena do mês corrente<sup>13</sup>».

No entanto, nem sempre é assim. O Surriento, por exemplo, na viagem de ida, passava em Tenerife. No entanto, nenhum dos informantes do projeto “Memória das Gentes” se refere à ilha ou a qualquer outra escala, pois os sentires se situavam entre a saudade e a esperança, não havendo lugar para turismos...

#### Anúncio 1

Para **VENEZUELA**  
O rápido paquete italiano  
**“SURRIENTO”**  
EM 23 DE JANEIRO  
e 25 DE FEVEREIRO  
nas suas viagens regulares para: LA GUAYRA, via Tenerife  
escalando depois TRINIDAD, BARBADOS e ST.KITTS  
Dispõe de bastantes lugares, em excelentes acomodações.  
SEM QUALQUER AUMENTO DE PREÇOS.  
Agente na Madeira:  
«AGENCIA FERRAZ»  
JOAQUIM M. FERRAZ SIMOES  
RUA DA SR. 24  
e Rua do Bettencourt, 12 (Arcadas frente ao Bazar do Povo)  
Telefones, 1700 e 652.

DN, 23-01-1957

<sup>12</sup> DN, 29-01-1961, p. 1.

<sup>13</sup> DN, 04-06-1945, p. 2.

A descrição da viagem não é clara, para a maioria. E, estranhamente, não se fala de mar. Fala-se do barco, do (des)conforto da 3ª classe, da comida, do enjoo, das novidades, da excitação da primeira viagem, sobretudo quando se é um rapaz e, de repente, se toma contacto com cinema, com gelados, com outra língua.

Ermelinda Ramos também embarcou. De notar que, mesmo hoje, em que as saídas da ilha se fazem por avião, o verbo “embarcar” permanece. Tinha 17 anos, já estava casada há dois, tinha vivido um mês com o marido e ele veio busca-la para a Venezuela, onde já estava instalado. Foram no Santa Maria. Conta que havia muito convívio a bordo, sobretudo entre os madeirenses – que conversavam, que cantavam, que partilhavam angústias e expetativas, que tentavam enganar o mar que significa apenas caminho inevitável. Foram na terceira classe que era o lugar dos emigrantes. Lembra-se do deslumbramento: as salas de baile, as piscinas, as pessoas. Ermelinda lembra-se de gente que ia tomar o pequeno-almoço de robe, como se estivesse em casa.

Sabiam que nos outros andares havia festas. Ali, não, eram eles que se entretinham, falando, cantando, bordando. Ficou com o marido num camarote, com dois beliches muito estreitos, enquanto quem ia sozinho, era arrumado com outros, em camarotes com vários beliches.

O Atlântico torna-se, então, nestas viagens, um mero caminho, uma necessidade. Poucos falaram do mar, do seu significado ou da forma como ele os acompanhou na travessia. O mar é o tempo da travessia, o enjoo, as doenças, nomeadamente a sarna. Dos barcos, as recordações passam pela comida, pela novidade, pelas coisas que a Madeira ainda não conhecia. O Atlântico, enquanto mar, não é assim, apresentado como motivo poético, nem descrito nas suas cores ou nas evocações que provoca. O mar é a única via de saída da terra. Nada mais.

Ângela sentia-se «Alice no país das Maravilhas». O vapor onde embarcou com a mãe deslumbrava-a: as mulheres bonitas, as alcatifas, a sala de jantar, as pessoas, a língua; Marcos Teixeira lembra-se do mar encapelado que fazia abanar o Salta, o navio que o havia de conduzir a uma vida melhor e de um cesto que passava debaixo da mesa. Cada passageiro metia lá dentro o que podia – um pão, uma peça de fruta – para ajudar quatro companheiros que atravessavam o Atlântico, clandestinos.

Miúdo nascido no calhau, Duílio Lomelino, o Anão, era um ás da mergulhança. O mar sempre foi, para ele – e para outros rapazes da sua idade, no Funchal – o lugar do ganha-pão. Porque o Atlântico também é isso e, numa ilha como a Madeira, muito mais. Do mar se tira, muitas vezes, o sustento, em forma de peixe, de bombote, de mergulhança. Assim que chegava um navio, com sol ou com chuva, com mar manso ou com mar bravo, ele e os outros pegavam na canoa, e remando com destreza, encostavam-se o mais que podiam ao casco e saltava para apanhar as moedas que os turistas (“ingleses, como se diz na Madeira, independentemente da nacionalidade que tivessem) lhes atiravam dos vapores, apenas para os ver saltar. Um dia, cansado de ficar apenas com as moedas pequenas (o código exigia que as maiores eram entregues aos mais velhos) que mal chegavam para comer, o Anão começa a pensar por que não ir, ele também, de viagem num barco daqueles e tentar a sua sorte lá fora. E num dia igual a tantos outros, Duílio sobe para a amurada do navio e, assim que terminou o espetáculo da mergulhança, meteu-se numa das casas de banho e só saiu na Venezuela.

Mas há também os regressos. Mais felizes. Porque prometido: «Hei-de voltar minha terra/minha gente a quem abraço<sup>14</sup>».

Na descrição destas viagens de barco, também não há grandes alusões ao Oceano. Algumas referências ao seu estado: que estava bom, que estava grande, que foi um tormento, que a vontade de chegar era grande, na medida em que seria esse o momento de reencontrar pedaços do coração. Que o coração tinha ficado na ilha, na casa velha dos pais, no pedaço de

<sup>14</sup> LUCÍLIA (1979), p. 31.

terra que tinha sido guardado nos olhos, quando, da amurada do vapor, se passava apenas a ver água. Só céu e mar. Nada, portanto. A ilha é um medalhão onde se guarda um retrato. Partimos desta analogia de Claude Kappler<sup>15</sup> para falar do modo como o insular a leva quando parte. No desejo e na promessa de voltar. A ilha vai guardada no peito para que, na hora do regresso, a possa identificar.

O mar tem duas margens: o porto da partida e o porto de chegada. Para os madeirenses que partiram nos anos 50, 60 e 70 do século XX, as duas margens do mar são coincidentes: partia-se da Madeira, com as lágrimas nos olhos e a mala vazia, para ir à Venezuela, passar lá uma vida e poder voltar, ao lugar do princípio, com o coração em festa e uma mala cheia de recuerdos. Mesmo que o regresso fosse a prazo.

Pelo caminho, entre o ir e o voltar (nem sempre para sempre, muitas vezes de visita), há relato de escalas: Curaçao, Puerto Rico, Miami e Tenerife, sobretudo na viagem de regresso. Era esta a última paragem antes de chegar a casa.

Não há relatos das escalas nas partidas. Sabemos que algumas rotas escalavam as Canárias, Cuba, Miami, alguma ilha caribenha como Santa Lucia, mas na visão do emigrante, de acordo com o estudo de António Xavier<sup>16</sup>, essas paragens só atrasavam o objetivo.

Alguns viajantes permitem-se, então, ser turistas: Maria José, informante do Projeto Memórias comprou, no porto, um lenço à mãe. Fino. De seda. Talvez o tenha comprado a um dos cambulloneros que se acercavam dos navios.

Ermelinda Ramos desembarcou com o marido, em Tenerife, no início dos anos 70, o seu regresso definitivo para a Madeira. A sua memória guardou a companhia de um outro casal que viajara no Santa Maria e com quem saiu do barco, apanhou um táxi e foi dar uma volta para conhecer a ilha. A escala do navio em Tenerife tinha sabor a antecipação, como se o coração, ali, se pudesse preparar para a geografia que se guardara no coração. Compara, então, Tenerife com a Madeira: “parecida com a Madeira, mas mais pequena”. O emigrante-que-se-permite-ser-turista parece buscar a identificação, como se a sua terra natal fosse o modelo, a “imagem exemplar da Criação<sup>17</sup>”.

Esta situação já acontecera à chegada a Venezuela. A aproximação à costa evoca comparações com a ilha: as paisagens, as montanhas, na tentativa de reconhecer lugares, de os tornar seus, de estabelecer pontes com o que tinham deixado, de se impedir de se perder do que era, efetivamente, conhecido. Quem chegou, de noite, a La Guaira recordou a despedida da Madeira, e as casas a lembrara presépios, pelas serras fora.

Nenhum dos informantes se lembra do nome do porto ou tem memórias. O sentido já estava situado na verdadeira margem do mar: o porto da partida do princípio, o porto da chegada, definitiva. É como diz Martinez, acerca das ilhas (Canárias ou quaisquer outras) «Al partir,/Las llevamos ocultas en los ojos,/Hechas por cada quien a su manera<sup>18</sup>». E é esse filtro que estes viajantes transportam no olhar.

Canárias (raramente aparece a identificação da ilha do arquipélago) é uma escala preparatória do retorno, um lugar donde se possa levar uma recordação, o alfinete no mapa-mundi que lhes permite afirmar “já fui a Canárias”, mesmo que isso signifique apenas uma breve estada do barco no porto de mar.

Não mais palavras ou descrições deste lugar. Nem sobre a viagem de mar, a partir desta última escala.

Contrariamente ao que se passa nos textos literários, em que o mar e a viagem ganham um caráter subjetivo, provocando, em muitos casos, o próprio pensamento, na viagem

<sup>15</sup> GONZALES; GUTIERREZ; PINO; GARCIA y PÉREZ (2009), p. 229.

<sup>16</sup> XAVIER (2009), p. 92.

<sup>17</sup> ELIADE (1979), p. 150.

<sup>18</sup> GONZALES; GUTIERREZ; PINO; GARCIA y PÉREZ (2009), p. 263.

(re)contada, sobram apenas os episódios que a memória guardou, as peripécias, as estranhezas. Do mar, não se fala. Escreve-se, sim, porque o mar é coisa de poetas e de pensadores. Na poética insular, o mar limita, cerca e adorna a ilha. Por esse motivo, talvez, seja associado à saudade. É o mar que separa quem se ama, mas, é também o mar o caminho para o reencontro, representando, deste modo, a recordação do passado, mas também, a esperança no futuro.

O mar é o lugar da viagem. Sem considerações. Sem ser pretexto de busca de sentidos. Este é um mar sem nome. Nenhum pescador sai para o Atlântico; nenhum emigrante atravessa o Atlântico, ninguém o nomeia. O mar é o mar e pronto. E tem duas margens: a da partida, em que se suspende a terra e a do regresso, tantas vezes adiado, em que se faz prova de missão cumprida.

### BIBLIOGRAFÍA

- ANDRADE, I.L. (1986). *Ilha que é gente*. Funchal.  
 BAPTISTA, J.A., (2000). *Biografia*. Lisboa.  
 ELIADE, M. (1979). *Imagens e Símbolos*. Lisboa  
 GONZALES, V.G.; GUTIÉRREZ, J.I.; MATEO DEL PINO, Á.; QUEVEDO GARCÍA, F.J. y RODRÍGUEZ PÉREZ, O. (2009). *Ínsulas forasteras. Canarias desde miradas ajenas*. Madrid.  
 TOMBOUKOU, M.; HYVARINEN, M.; HYDEN, L.C.; SAARENHEIMO, M. (2015). *Beyond Narrative Coherence: An Introduction*.  
 XAVIER, A. de A. (2007). *Con Portugal el la Maleta – Histórias de vida de los portugueses en Venezuela. Siglo XX*. Caracas: Editorial Alfa.  
*Diário de Notícias* (13-02-1940). Madeira.  
*Diário de Notícias* (04-06-1945). Madeira.  
*Diário de Notícias* (21-06-1953). Madeira.  
*Diário de Notícias* (29-01-1961). Madeira.

### MATERIAL ELETRÓNICO

- CEHA/DRC/SRETC: Memórias/ carta de António de 15-06-1971.  
 CEHA/entrevista/Nona Ilha/ Venezuela/ Marcos Teixeira.  
 CEHA/DRC/SRETC: Memórias/histórias de vida/ Dalila Veras.